

O desiderium*de informação

Paula Puhl

Resumo: O presente artigo busca fazer uma relação entre o desejo incontrolável pela informação do homem moderno com o conceito de desejo para Platão. Além disso, levanta questões como a insatisfação constante do indivíduo perante as novas tecnologias, através de uma revisão de literatura que pretende demonstrar os benefícios e malefícios que o mundo digital provoca na sociedade atual.

O homem moderno é sedento pelo novo e movido pela busca da perfeição. Ele deseja superar-se, ter poderes sobre as coisas que o rodeiam. Este homem dono de si, visionário, que tenta dominar o universo através do estudo do conhecimento, da observação, está sempre procurando informações, sejam elas meramente ilustrativas ou desencadeadoras do conhecimento.

Em uma época em que a tecnologia expande-se cada vez mais, onde as fibras óticas estão sendo “transpassadas” pelo cérebro do homem, a corrida em busca da superação tornou-se uma lei, não natural, mas sim digital.

*Etm.: lat. *desiderium*, desejo, necessidade. *Filosofia, Psicologia*: movimento que, para além da necessidade enquanto tal, nos transporta na direção de uma realidade que representamos como uma fonte possível de satisfação. O desejo definiu-se como uma tendência que se tornou consciente.

Hoje contamos com inúmeras facilidades oferecidas pelo advento tecnológico, até os estudiosos mais pessimistas, certamente já usaram um microondas, navegaram na Internet e ainda olham com orgulho para as inovações nas telecomunicações. Prendemo-nos um pouco no avanço da informática, que conseguiu desenvolver a interface homem-máquina, fazendo com que assim, surgisse a interatividade, mesmo com algumas falhas. Podemos dizer que é grande o número de usuários que utilizam computadores e que não se imaginam trabalhando ou comunicando-se sem esta máquina. Responsável por encantar uma corrente de otimistas e provocar a crítica impetuosa dos pessimistas, o computador segue sua trilha a caminho da superação e da perpetuação da sua “espécie”.

Como percebemos, o mundo virou um esquema onde as cidades não funcionariam com tanta eficiência caso não tivessem sido desenvolvidas as máquinas. Sem deixarmos de lado as indústrias, que jamais seriam as mesmas se não possuíssem seu controle automatizado. Porém, toda essa tecnologia teve reflexo no desemprego da população e, a promessa de salvação e desenvolvimento desenfreado, através do aperfeiçoamento da técnica, causou desequilíbrios sociais.

Machado (1999) faz um alerta quando falamos em progresso técnico. O autor ressalta

que a técnica traz novas incertezas e dúvidas e não somente resultados e facilidades. As “maravilhas” do imaginário tecnológico que tem como premissas a democracia, a liberdade de expressão do cidadão, faz na verdade com que nos libertemos das influências do passado e nos tornemos usuários dominados pelo novo e espetacular que ele pode nos oferecer. Somos os dependentes do novo. Machado completa: “no horizonte, portanto, não se vê o homem enfim livre, mas apenas o ser às voltas com a impossibilidade de superação do possível ou com as possibilidades de construção do impossível”(1999:4).

No meio de tantas desconfianças que permeiam as novas tecnologias, se refletimos sobre as suas invenções, como no caso dos computadores, verificaremos que foram os homens de diversas décadas os responsáveis pelo desenvolvimento de uma tecnologia que foi se somando até resultar em máquinas altamente desenvolvidas e práticas. A maneira de armazenar dados e a sua transmissão foram modificadas, a linearidade da escrita foi quebrada, a interatividade se instalou, fazendo com que o homem não consiga mais se desvencilhar deste universo digital que lhe está sendo apresentado durante os últimos 50 anos.

Mesmo sendo o criador e o usuário, os homens não descansam e muito menos ficam satisfeitos com suas descobertas. Eles possuem um sentimento de conquista, um desejo incontável de dominar a sabedoria e descobrir todos os mistérios do mundo, seja real ou digital.

A curiosidade é uma característica que vem desde o homem primitivo, aquele que resolveu friccionar uma pedra na outra para ver o que iria acontecer, e pronto, foi descoberto o fogo. Certamente para construir

uma máquina o procedimento não deve ter sido regido somente pelo impulso, junto veio a curiosidade do homem, agora talvez mais astuto, que sabe usar a sua inteligência de acordo com os recursos disponíveis.

Mas o que será que nos leva a desenvolver capacidades tão excitantes que nos fazem criar e querer cada vez mais descobrir lugares novos, construir objetos até então nunca pensados? Nem só de impulsos e descobertas mágicas se desenvolve uma humanidade tão completa e criadora. Se voltarmos a mitologia e lembrarmos do mito de Eros e a descrição de desejo por Platão, quem sabe encontraremos verdades que estão tão intrínsecas em nós que chegam a passar tão despercebidas?

Talvez a explicação para esta aspiração de totalidade que é buscada pelo desejo possa ser comprovada com relatos de Aristófanes em *O Banquete* de Platão, que segundo Azevedo (1991), ocupa um lugar central é talvez a obra onde o conceito de amor se liga mais conscientemente a uma experiência existencial concreta. Platão analisa as causas de Eros e os seus efeitos, reconhecendo a raiz puramente humana. A tradutora da obra diz que, Platão parte do princípio que do amor ao Bem não é senão consequência do instinto de imortalidade que os homens vivem em maior ou menor dimensão, e sem esperança de o satisfazer, o seu amor pelo Bem não teria qualquer realidade.

Platão usa do discurso de Aristófanes, um teatrólogo, para caracterizar a humanidade primitiva, a qual era composta por três gêneros: o macho, a fêmea e o andrógino, este por sua vez era a fusão dos dois sexos. Schüler (1997), conta que a forma do andrógino era esférica, tinham quatro braços, quatro pernas, quatro orelhas, dois órgãos sexuais, e os

rostos, que revestiam uma só cabeça, olhavam para extremidades opostas.

“Dos três sexos, o masculino era filho do Sol, o feminino, filho da Terra, o andrógino era filho da Lua, como ela inconstante. A esfericidade lhes veio dos astros que lhes deram origem. Eram tão fortes e tão bem dotados que ousaram investir contra os deuses.” Schüler (1997:56)

Devido a tanta felicidade e complementação, “pagamos”, até hoje por esta perfeição que foi causa da nossa eterna infelicidade. Toda esta simetria entre os seres que se bastavam por si só, que tinham o orgulho acima de todas as coisas, causou a irritação dos deuses que precisavam da veneração deles. A fim de puni-los por inveja do poder humano, os deuses resolveram cortá-los em dois, com a idéia de que esta divisão faria com que os seres viessem buscar esta dualidade no acolhimento divino.

Schüler (1997) narra que Zeus resolveu partir os desafiantes ao meio, a fim de multiplicá-los, pois assim serviriam os deuses. “Desferido o golpe, Zeus determinou que Apolo lhes voltasse a face para o lugar da operação a fim de que, vendo-a, se conformassem com a situação que lhes fora atribuída” (Schüler 1997:56). Após esta exposição ao corte, havia a permanência da lembrança da privação, precipitando o homem na desgraça, pois estava em risco a sua própria existência. Porém Zeus, tocado pela situação que provocara oferece ao homem como remédio, a satisfação das relações sexuais. Assim, através da reaproximação íntima do que lhe faltava, o homem volta-se a interessar-se pela vida.

“Ora, quando o corpo foi assim dividido, cada ser sentindo falta de sua metade, ai até ela e, abraçando-se e espreitando-se uns aos outros no desejo de se fundir; os homens morriam de fome e inanição, pois nada queriam fazer uns sem os outros; e, quando uma metade morria e a outra sobrevivia, esta buscava uma outra e abraçava-a, fosse uma metade de mulher inteira - o que chamamos mulher hoje em dia- fosse uma metade de homem, e a raça se extinguia (Banquete, 191 a-b)”

Assim, surge o desejo entre os homens, partindo de uma tragédia mitológica, que nos faz sentir esta sensação de que nada possui um final, tendo em vista que tudo pode ser reconstruído e aperfeiçoado.

Marilena Chaui, em seu artigo “Laços do desejo”, na obra *O Desejo*, organizada por Aduino Novaes (1990), faz uma abordagem sobre o conceito de palavra desejo que é derivada do verbo *desidero*, que por sua vez, deriva-se do substantivo *sidus* (mais utilizado como sidera), significando constelações. *Sidera* é empregada como palavra de louvor. Na astrologia ela é empregada para indicar a influência dos astros sobre o destino humano, onde o *sideratus*, siderado é atingido ou fulminado por um astro. De *sidera*, vem *considerare*, que significa examinar com cuidado, respeito e veneração - e *desidere* significa cessar de olhar (os astros), deixar de ver os (astros).

No que pertine à Astrologia, vemos que a significação de *desiderium* é o intermediário entre Deus e o mundo das coisas materiais, protegendo nossa alma, nos dando um corpo

astral, e de acordo com nosso corpo astral, assim será o destino, que está escrito e inscrito nas estrelas. Já *considerare* é a consulta ao alto, para que possamos encontrar o sentido e o guia seguro de nossas vidas. *Desidare* é o contrário, estamos sem referências, abandonados pelo alto. Então cessamos de olhar para o alto e *desiderium* é a decisão de tomar nosso destino com as próprias mãos. Concluindo, o desejo chama-se a vontade consciente nascida da deliberação, pois *desiderium* é a perda, privação do saber sobre o destino, o futuro torna-se incerto e cheio de desejos.

Chauí (1990) destaca que, Espinosa em seu terceiro livro da *Ética* diz que *desiderium* é o desejo ou apetite de possuir alguma coisa cuja a lembrança foi conservada, além disso, completa que sempre que recordamos de alguma coisa que já nos pertenceu e nos deu prazer, desejamos possuí-la da mesma maneira como ocorreu na primeira vez, pois aquele que ama se descobrir que falta alguma das circunstâncias ficará triste. Essa tristeza causada pela ausência do que amamos se chama *desiderium*, isto é, saudade.

Hobbes também preconiza que, amor e desejo são a mesma coisa, salvo que o desejo quer significar a ausência do objeto, enquanto o amor que indicar a presença do mesmo.

Para Chauí (1990), o desejo é como uma carência, “um vazio que tende para fora de si em busca de preenchimento, aquilo que os gregos chamavam de *hormê* - falta do restante” (1990:23). A semelhança de desejo e o amor encontra-se no alcance da plenitude, segundo a autora, “o amor é cada vez mais *sospirar* - que vem de suspirare, respirar e exalar e que Tito Lívio empregou para falar de amor ardente” (1990:23). *Sospirar* é

lamento, ânsia, nostalgia e vem depositar-se na palavra que só foi inventada pela língua portuguesa: a saudade.

Voltando para atualidade, deste final de milênio em que o homem é um eterno insatisfeito, podemos exemplificar esta fase em que estamos vivendo com o conceito de Hegel, também citado por Chauí, que diz que o desejo é uma afirmação abstrata de si pela negação imediata do que é outro, ou seja, o desejo da vida que passa a consumir e destruir as coisas exteriores para sua própria preservação, a consciência desejando afirmar-se pela supressão da exterioridade imediata que a sustenta.

Chauí reforça sua posição ressaltando que, “o desejo é relação peculiar, porque, afinal, não desejamos propriamente o outro, mas desejamos ser para ele objeto de desejo. Desejamos ser desejados, donde a célebre definição do desejo: o desejo é desejo do desejo do outro” (1990:24). Esta situação é que acontece com os homens que buscam a superação. A modernidade fez o homem abandonar as ilusões dos antigos mistérios, porém eles não sabem que estão cada vez mais se aproximando do desejo dito por Platão em sua obra *O Banquete*.

Antes o símbolo do desejo era o fogo, pois é o mais ativo de todos os elementos e porque tem o poder de converter todos os outros nele mesmo. Hoje o objeto representante do desejo moderno é a informação e a velocidade em que se processam os fatos e os acontecimentos. Chauí atribui à modernidade o conceito de imaginário em que o desejo representa substituição e sublimação de um objeto, como uma mediação que protela a satisfação e faz com que os homens nunca consigam estar realizados por completo.

Podemos perceber que desejo e amor estão ligados intimamente na figura do deus Eros. Segundo Platão, Eros significa o deus do amor, da paixão, do desejo dos sentidos, além de ter por vocação pensar a origem, a natureza e a função do desejo. Segundo Manon (1992:142), parafraseando Platão, Eros “é antes de tudo aspiração à totalidade, busca da união perfeita, nostalgia de uma integridade, cuja lembrança indizível está conservada com cuidado.”

A autora prossegue afirmando que Eros é a mistura de ser ou não-ser, de imortal e mortal, é o que Platão chama de “demônio”. Como todos os demônios, tem a vocação para fazer a unidade de tudo, realizar a harmonia dos contrários.

Platão em *O Banquete* fala que tudo que é demônio situa-se entre os deuses e os mortais. O amor interpreta e traz aos deuses o que vem dos homens e aos homens o que vem dos deuses, se colocando entre os primeiros e os segundos, ele preenche o intervalo de forma a ligar entre si as partes do grande Todo.

Eros, ou seja, o amor, é visto por Platão como uma lei universal que anima todo o real, e a sua função de religar o que está separado, se deve ao mito do seu nascimento, como relata Manon (1992: 143) com a citação de *O Banquete* de Platão:

“Quando Afrodite nasceu, os deuses celebraram um festim, todos os deuses, inclusive Poros, filho de Métis. Terminando o jantar, Pênia, querendo aproveitar a mesa farta, apresentou-se para mendigar e permaneceu perto da porta. Ora, Poros, embriagado pelo néctar, pois ainda não havia o vi-

nho, saiu para o jardim de Zeus e, entorpecido pela embriaguez, adormeceu. Então Pênia, levada pela indigência, teve a idéia de tirar proveito da ocasião para ter um filho de Poros: deitou-se perto dele e concebeu o amor. Também o amor tornou-se companheiro e servidor de Afrodite, porque foi gerado no dia do nascimento da deusa; e porque ele é naturalmente apaixonado pelo belo, é porque Afrodite é bela.”

O amor então é filho da riqueza, do recurso (Poros) e da pobreza, da carência (Pênia). Manon (1992) ressalta que a mãe de Eros uma indigente, carente, com uma vida rude e sórdida, não é delicada, nem bela. Já seu pai, cheio de recursos, belo, encantador, mágico, filósofo, sofista é responsável pela nobreza do amor, permitindo aos homens criar em todos os campos, tanto nos carnais como nos espirituais.

A autora chama atenção para o fato que Platão diz que o amor não é rico, nem pobre, pois se falta algo, é a consciência desta carência e impulso em direção ao objeto próprio a fim de satisfazê-lo; nisto entra a riqueza, mas não é rico, pois se possuísse o que lhe falta, não desejaria.

Entramos agora em um outro ponto que vai ao encontro do nosso desejo atual pela informação. Conhecendo o nascimento de Eros e as sensações que o amor causa no ser humano, percebemos que somos regidos pelo desejo, na busca pela perfeição, da unidade.

A explicação desta busca incansável pela perfeição, pela nossa metade, foi constituída pela Natureza, que estabeleceu certas

impressões no cérebro que fazem com que com o tempo nos consideremos defeituosos, como se fossemos metade de um todo, do qual uma outra pessoa deve constituir esta metade vazia. Este desejo, é visto como o maior de todos os bens imagináveis, isto é, nada além do que o amor. Porém, nesta vida agitada onde as pessoas esqueceram que amando se completariam e viveriam melhor, o importante encontra-se em outros meios que vieram para suprir esta necessidade básica do ser humano.

As tecnologias criadas pelo próprio homem surgem para amenizar um problema criado pela nossa Natureza - a união de duas pessoas. Hoje não é preciso o olhar, a presença para conquistar, pode acontecer em mundo virtual, basta teclar e ter uma tela, que poupamos nosso corpo de aparecer diante do mundo. O tempo tornou-se secundário, juntamente com a nossa aparência, pois não nos mostramos mais, não há mais diferenças entre nosso corpo e a nossa mente, somente interessa as nossas idéias, não precisamos aparecer, ser vistos para agir. Agora o que se move são idéias e não mais pessoas.

Virilio (1996) destaca que anteriormente, estar presente significava estar próximo. A possibilidade de um diálogo se dava através da “face-a-face”, para que pudéssemos olhar nos olhos e ouvir a voz da outra pessoa. Essa aproximação, mesmo sendo um tanto peculiar e desenvolvida durante anos, foi substituída. Se antes era difícil conhecer uma pessoa e seus sentimentos, hoje tornou-se uma missão “quase impossível”, saber a verdade sobre o indivíduo com quem estamos nos relacionando no mundo digital.

Em contrapartida, talvez a obscuriidade pode fazer com que a pessoa diga o que pensa e não tenha vergonha de se expor mais

facilmente. Porém, não estaremos enfrentando a nossa realidade, a do corpo-a-corpo. Será que ainda vivemos nesta realidade? Somos somente no digital? E o que nos resta no real? Seremos duplos como os seres primitivos? Teremos dupla personalidade? Se pensarmos que sim...concordaremos com Virilio (1996), quando diz que, eliminaremos elementos do nosso próprio corpo para nos adaptarmos a essa união do nosso interior e exterior, deixando de existir o nosso corpo territorial.

Virilio comenta que, quando estávamos passando pela revolução industrial a técnica estava nas “megamáquinas”, ou seja, nas construções de canais hidráulicos, pontes, linhas elétricas, a fim de nos possibilitar um deslocamento físico. Porém, nos dias de hoje possuímos “micromáquinas”, que estimulam nossas faculdades e que servem para superar nossas deficiências. Queremos trocar tudo aquilo que consideramos precário, temos o desejo de melhorar, mesmo que este ato não seja realmente necessário.

Estas próteses, as quais o autor se refere, não são os reais problemas, mas sim as condições em que estas são praticadas. As pessoas resolvem mudar não por necessidade e sim pela vontade incontável de correr riscos. Estas acreditam que a tecnologia é mais potente e precisa. Por isso, Virilio traz à tona a individualidade humana que preocupa-se somente consigo, desprendendo-se do desejo comum. O importante está na velocidade da transformação.

O tempo não existirá, o que importará será o agora, iremos desconstruir a nossa percepção de mundo, buscaremos na mutação a evolução e na tecnologia o suprimento do desejo. Vamos tentar suprir nossos desejos por intermédio de máquinas que nos acalmam ar-

tificalmente, porém nos deixaremos enganar se acreditarmos que assim, estaremos mais felizes e completos, mesmo que seja temporariamente.

Virilio (1996) se preocupa com esta busca desenfreada pela informação, que faz com que o homem fique preso ao desenvolvimento das tecnociências, onde os animais são modificados geneticamente, onde o homem aprende a trocar seus órgãos quando percebe que eles já não são eficientes para suprir as suas funções vitais gerando um pensamento do descartável. Pois, quando o acesso ao novo é tão simples, nos tornamos meros fantoches da tecnologia que evolui a cada momento.

Virilio atribui a superexcitação ao homem da Pós-modernidade, ele é teleguiado, sofre uma tele-ação. Tudo se passa nas telas, estar excitado não vem mais ao encontro da atividade física, do deslocamento. Hoje, Virilio diz que, a excitação é sinônimo de estimulantes, de opções dadas pelas máquinas e a superação da velocidade em que chegam os fatos. Não há mais necessidade em estarmos presentes, convivemos através de uma “proximidade midiática”, pela qual teleagimos através das ondas eletromagnéticas, podendo ouvir, ver, tocar e sentir à distância. Não há mais diferenças entre o interno e o externo, somos um todo que não precisa se locomover para atingir seus objetivos.

Seguindo o pensamento do autor, podemos admitir que a instantaneidade passa a ser a palavra de ordem, causando uma relativização do tempo. Para nos mantermos informados também não necessitamos estar ao alcance da informação, precisamos somente acessá-las. Lévy (apud Levacov) diz que, o “conhecimento humano está atualmente disperso no espaço, desdobrando-se num es-

paço descontínuo”, porém Levacov (1997) ressalta que o lugar onde buscamos as informações tornou-se secundário, o importante está na sua confiabilidade. Em contrapartida, Machado (1999) adverte que a incerteza está junto com as certezas de otimismo dos representantes das tecnologias do imaginário, a certeza dos representantes fervorosos causa mais perguntas no viés da informação, que nem sempre é transformada em conhecimento.

O conhecimento se encontra em metamorfose. Lévy (1993) acredita que as antigas teorias fechadas estão dando lugar aos modelos, que permitem uma constante avaliação, já que este não está escrito em um papel, e sim em uma memória de um computador, podendo ser modificada a qualquer instante. Aquela teoria definitiva que impunha verdades isentas de críticas, é substituída pelo modelo que está sendo simulado na tela, que sofre mutações, que colabora para a busca da perfeição.

“Um modelo digital, normalmente não é nem “verdadeiro” nem “falso”, nem mesmo “testável”, em um sentido estrito. Ele apenas será mais ou menos eficaz ou pertinente em relação a este ou aquele objetivo específico. Fatores muito distantes da idéia de verdade podem interferir na avaliação de um modelo: a facilidade de simulação, a velocidade de realização e modificação, as conexões possíveis com programas de visualização, de auxílio à decisão ao ensino...” (Lévy, 1993:120)

O autor coloca que os critérios dominantes deste pólo informático- mediático que esta-

mos testemunhando é a eficácia, a pertinência local, as mudanças e novidades. Além disso, a busca da objetividade e a universalidade diminuiu, fazendo com que as informações sejam produzidas mais subjetivamente para determinados grupos, mesmo que estas não durem muito tempo. A segmentação unida à imediatez, serve como atizador do desejo do homem em descobrir novos fatos. Lévy (1993) lembra que,

“O estado de humanidade global perseguido pelo homem da escrita e da história de diversas formas (impérios, religiões universalistas, movimento das Luzes, revolução socialista) é hoje, vivenciado pelo homem informático-midiático. Isto não significa nem que todos os grupos sociais que vivem no planeta participem deste tipo de humanidade, nem que a cultura da televisão e do computador possa ser considerada como um final feliz para a aventura da espécie”

Esta citação demonstra que o homem sempre buscou a globalização, a interferência geográfica, a rapidez da informação, o acesso a documentos e relatos do mundo todo, o direito de exploração sem barreiras ideológicas e físicas. Chegamos até aqui guiados talvez pelo conceito de desejo para Platão, mas é claro que existem muitas explicações para saber como se deu esta busca incessante dos homens pelo conhecimento.

Muitas vezes, ignoramos fatos que podem nos dar um caminho, uma explicação, uma característica deste homem moderno que, às vezes, não tem tempo para refletir, mesmo

tendo ao seu alcance diversas tecnologias que facilitam o seu serviço. Este homem “midiático”, já aprendeu a descobrir mundos, a fazer armas nucleares, a montar um computador, a formar uma rede de informações, mas ainda assim, não está completo.

A informação, está presente desde os tempos remotos, mas desta vez está sendo disseminada como nunca através das tecnologias, tanto que é denominada de -quarto poder. Todos precisam estar informados, a par do acontecimentos, tudo acontece muito rápido, a velocidade não tem limite. O desejo de Platão se renova neste final de milênio, a procura pela nossa metade, transforma-se pela busca do maior conhecimento - que é a medida da inteligência do mundo moderno. Basta saber a informação mesmo que seja superficialmente. O desejo do conhecimento já não tem o seu conceito tão explícito, somente pelo fato de saber, somos aceitos pelo mundo digital, que irá nos fazer atingir o nível de maior conhecimento de acordo com as suas exigências.

O homem moderno deve navegar e também naufragar para alcançar a plenitude da sua inteligência. Ele precisa passar por provações, para que seja permitido o seu acesso a este mundo virtual cheio de incertezas e surpresas. Esta vontade de superação que o levou até este destino, tende a abrir os portais do conhecimento. No entanto, acabaremos com a busca incessante da felicidade, como sonhava a humanidade primitiva?

O ser humano está impedido de ser completo, pois ele é guiado por suas dúvidas, sua imaginação, sua inconstância, ou seja pela sua existência. Como diria Platão (apud Manon 1993:144): “nossa existência está de luto por uma plenitude de ser e de felicidade que a tenta como promessa de uma per-

feição já vivida. Nenhuma imagem pode representá-la, nenhum discurso pode dizê-la, pois ela não é deste mundo”

1 Referências Bibliográficas

CHAUI, Marilena. *Laços do Desejo*. In Desejo NOVAES, Aduino (org.), São Paulo: Editora Schwarcz, pp. 19-67, 1990.

LEVACOV, Marília. *Bibliotecas Virtuais*. Revista Famecos, Porto Alegre, nº6, página 70-85, maio.1997.

LÉVY, Pierre. *As Tecnologias da Inteligência: o futuro do pensamento na era da informática*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1993. 203p.

MACHADO, Juremir. *Tecnologias do Imaginário vs Imaginários Tecnológicos*. GT Sociedade Tecnológica - COMPÓS 1999. 12p.

MANON, Simone. *Platão*. São Paulo: Martins Fontes, 1992. 188p.

PLATÃO. *O Banquete*. Trad. AZEVEDO, Maria Teresa Schiappa. Lisboa: edições 70, 1991. 103p.

RUSS, Jacqueline. *Dicionário de Filosofia*. São Paulo: Scipione, 1991. 382p.

SCHÜLER, Donaldo. *Eros: dialética e retórica*. São Paulo: edusp, [1997 ?]. 167p.

VIRILIO, Paul. *A Arte do Motor*. São Paulo: Estação Liberdade, 1996. 134p.